

ELUROSTRONGILOSE EM GATOS: REVISÃO DE LITERATURA

BERTOZZO, Danilo Tadeu
FREITAS, Rogério Ernandes
NARDO, José Luiz Camilotti
BUENO, Ataliba

Discentes da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Garça – FAMED

NEVES, Maria Francisca

Docentes da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Garça – FAMED

RESUMO

A Elurostrongilose, também conhecida por strongilose cardiopulmonar do gato, é causada pelo nematóide *Aelurostrongylus abstrusus*, um parasita cosmopolita, relativamente pouco freqüente. Este parasita vive nas artérias e brônquios pulmonares do hospedeiro e a infecção em indivíduos saudáveis é subclínica devido a sua evolução auto-limitante, passando muitas vezes despercebida, mas que pode ser fatal.

Palavras chaves: *Aelurostrongylus abstrusus*, gato.

Tema central: Medicina Veterinária.

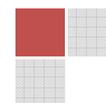
ABSTRACT

Aelurostrongylosis or cardipulmonary strongylosis of the cat is caused by *Aelurostrongylus abstrusus*, a cosmopolitan end relatively uncommon parasite. Infection in apparently healthy animals appears in a subclinical form due to its self-limitant evolution. This disease need of a precocious diagnosis and can be easily unnoticed or misdiagnosed and is sometimes fatal.

Palavras chaves: *Aelurostrongylus abstrusus*, cat.

1. INTRODUÇÃO

O *Aelurostrongylus abstrusus* é um nematóide de distribuição mundial que parasita pequenas ramificações de artérias pulmonares, alvéolos, ductos alveolares e bronquíolos de gatos domésticos e felídeos silvestres.



O gato participa como hospedeiro definitivo no ciclo evolutivo deste nematóide e infecta-se ingerindo hospedeiros paratênicos contaminados com a larva infectante. Assim, os felídeos que possuem vida semi-livre ou errante possuem maiores chances de se infectar com esse parasita e desenvolverem a doença.

O objetivo deste trabalho foi fazer uma revisão de literatura sobre os aspectos clínicos e patológicos da doença causada por este nematóide.

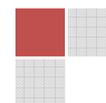
2. REVISÃO DE LITERATURA

O *Aelurostrongylus abstrusus* é um nematóide de forma capilar e pequenas dimensões que tem como hospedeiro definitivo o gato e como hospedeiros intermediários moluscos gastrópodes (FORTES, 2004). Este parasita aloja-se no parênquima pulmonar do hospedeiro definitivo desencadeando uma doença subclínica que pode agravar-se em animais imunodeprimidos (FERREIRA DA SILVA et al., 2005).

No ciclo evolutivo as fêmeas realizam a ovispostura nas ramificações da artéria pulmonar através dos capilares, os ovos são arrastados até os pulmões, onde eclodem e evoluem as L1. As larvas do primeiro estágio atravessam a parede que separa os capilares do espaço alveolar, alcançam os bronquíolos, são arrastadas com a secreção da mucosa aos brônquios e levadas a traquéia, laringe e chegando a faringe, quando são expectoradas ou deglutidas e eliminadas com as fezes (FORTES, 2004; FERREIRA DA SILVA et al., 2005).

Para continuar seu ciclo evolutivo, as larvas do *Aelurostrongylus* precisam ser ingeridas por caracóis (*Helix* sp.) ou lesmas (*Deroceras* sp., *Agriolimax* sp., *Arion* sp.). Neste hospedeiro intermediário, essas larvas realizam duas mudas e as L3 constituem pequeninos cistos amarelados, onde vivem até três meses (FERREIRA DA SILVA et al., 2005).

Neste ciclo pode existir hospedeiros paratênicos como aves, répteis, rãs, mamíferos insetívoros ou roedores silvestres, que ingerem os hospedeiros intermediários. O gato infecta-se ao caçar os hospedeiros paratênico que infectados com as larvas do parasita (FORTES, 2004; FERREIRA DA SILVA et

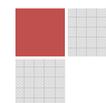


al., 2005). Esta parasitose é mais freqüente em gatos jovens, devido aos hábitos de jogo, e gatos machos rurais, por causa dos hábitos noturnos (FERREIRA DA SILVA et al., 2005)

Após a ingestão do hospedeiro paratênico as larvas emergem dos cistos no trato digestivo do gato, atravessam a parede do esôfago, estômago ou intestino, atingem a circulação sangüínea e através dela vão até os pulmões, onde mudam para L4, depois de cinco a seis dias, da infecção, e o estagio adulto surge depois de oito a nove dias da ingestão do molusco contaminado (FORTES, 2004).

As infecções em indivíduos saudáveis manifestam-se de forma sub-clínica devido a sua evolução auto-limitante (PELETEIRO et al., 1989). Em animais imunossuprimidos os sintomas são principalmente do tipo respiratório, como tosse seca causada por traqueíte, bronquite ou até pneumonia podendo ser acompanhada de febre caso haja infecção bacteriana secundária (SOULSBY, 1982; FORTES, 2004). Existem relatos de animais que apresentaram polipneia ou dispnéia, sendo a tosse pouco freqüente ou ausente. Os sintomas respiratórios são devidos aos ovos e larvas localizados nos alvéolos pulmonares e à irritação mecânica produzida pelas larvas nos aparelhos respiratório e digestivo. Pode-se observar, também, uma eosinofilia acentuada que persiste por até 24 semanas. Além disso, o animal pode apresentar mal-estar, emagrecimento, crises epileptiformes, perturbações vestibulares, hemorragias gengivais. Apesar destes sintomas, aparentemente não estarem relacionados com a parasitose, costumam desaparecer quando é instaurado o tratamento antiparasitário (FERREIRA DA SILVA et al., 2005)

O diagnóstico é feito pela comprovação e identificação microscópica de larvas em exame parasitológico de fezes ou de adultos na artéria pulmonar ou no pulmão por ocasião da necropsia. O lavado traqueobrônquico, após concentração, pode também ser utilizado no diagnóstico (GERBER et al., 2001). O exame radiológico permite, como prova complementar, a observação dos pulmões e pleura (MIRÓ CÓRRALES e GÓMEZ BAUTISTA, 1999; FORTES, 2004).



O tratamento é feito com fenbendazol, albendazol, levamisol, mebendazol, praziquantel e ivermectina (MIRÓ CÓRRALES e GÓMEZ BAUTISTA, 1999), podendo-se associar glicocorticoide e broncodilatadores (FERREIRA DA SILVA et al., 2005).

3. CONCLUSÃO

De acordo com o que foi exposto nessa revisão, pode-se concluir que a Elurostrongilose é uma doença pouco lembrada na clínica frente a um quadro de gatos com pneumonia. Assim, cabe ao clínico fazer uma boa anamnese sobre os hábitos do animal, pois mesmo felinos de vida semi-livre podem, esporadicamente, alimentar-se de hospedeiros paratênicos infectados.

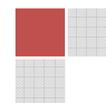
4. REFERÊNCIAS

MIRÓ CÓRRALES, G.; GÓMEZ BAUTISTA, M. Paratosis Respiratórias y Cardiopulmonares. In:____Parasitologia Veterinária. **Interamericana**, p. 696-697, 1999.

FERREIRA DA SILVA, J.M.; PEREIRA DA FONSECA, I.M.; MADEIRA DE CARVALHO, L.M.; MEIRELES, J.A.F.S.; FAZENDEIRO, I. Pneumonia em gato por *Aelurostrongylus abstrusus* – necessidade de um diagnóstico precoce. **Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias**, v. 100, p. 103-106, 2005.

FORTES, E., **PARASITOLOGIA VETERINÁRIA**, 4ª ed., São Paulo, Editora Ícone, p-320-322, 2004.

GERBER, C.M.; RAGGIO, M.L.; SCRIGNA, A.A. Presentación de um caso clínico de *Aelurostrongylus abstrusus*. <http://www.cemv.com.ar/nevedades>.



PELETEIR, M.C., MEIRELES, J.F.S. e BENTO, J.L.S. Um caso de pneumonia parasitária em gato por *Aelurostrongylus abstrusus*. **Anais da Faculdade de Medicina Veterinária**, 25-26, 73-82, 1989.

SOULSBY, E.J.L. Helminths, arthropods and Protozoa of domesticated animals. 7ed. Baillière tindall Londres, p. 278-279, 1982.

